

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p.203-212, jan./dez. 2007

HISTÓRIA DE RELAÇÃO COM A MÚSICA: A “COMPOSIÇÃO” DO MUSICOTERAPEUTA

*Patrícia Wazlawick, Denise de Camargo, Kátia Maheirie**

RESUMO: Este trabalho é um recorte da pesquisa de Mestrado em Psicologia, que numa interface entre a Psicologia Histórico-Cultural e a Musicoterapia, objetivou estudar os sentidos expressos nas narrativas que os jovens constroem sobre sua história de relação com a música. Foram entrevistados três jovens com idade entre 20 e 23 anos, estudantes do primeiro ano do curso de graduação em Musicoterapia (2004), da Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba. Trabalhou-se com a Entrevista Narrativa (SCHÜTZE, 1977) e Autobiografia Musical (RUUD, 1998). Num duplo movimento entre teoria e dados empíricos foram-se construindo categorias emergentes das próprias narrativas, que permitiram visualizar os momentos da história de relação com a música entremeadas aos contextos coletivos e singulares. Percebeu-se que nas vivências em situações concretas, permeadas pela dimensão afetiva, deu-se uma utilização viva da música e as possibilidades de construção dos sentidos da mesma, em toda esta trama. Sentidos construídos pelas emoções, sentimentos, desejos, vontades, interesses, motivações de sujeitos em constantes relações com o contexto sócio-cultural implicados com a atividade musical, que constituem esta atividade enquanto ela também é constituinte deles. É sob este olhar histórico e contextualizado que se pretende agora discutir o processo de “composição” do musicoterapeuta.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapeuta, história de relação com a música, psicologia Histórico-Cultural. Musicoterapia, Constituição do Sujeito.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS: BREVE APRESENTAÇÃO DA MUSICOTERAPIA

A Musicoterapia é um campo de conhecimento bem como um campo de prática, ainda recente no meio científico¹. Formalmente definida como a aplicação e utilização terapêutica da música e seus elementos (ritmo, melodia e harmonia), a Musicoterapia² pode ser

* Patrícia Wazlawick é doutoranda em Psicologia pela UFSC; Denise de Camargo é doutora e professora da UFPR; Kátia Maheirie é doutora e professora da UFSC.

¹ O primeiro curso de graduação em Musicoterapia foi criado na Universidade de Kansas, EUA, em 1946 (GASTON, 1982). No Brasil o primeiro curso de especialização em Musicoterapia iniciou suas atividades em 1971 na Faculdade de Artes do Paraná (FAP), quando era uma especialização da licenciatura em Música. Em 1983 este curso passou ao nível de graduação, com duração de quatro anos.

² Definição da Federação Mundial de Musicoterapia (WFMT, 1996): “Musicoterapia é a utilização da música e/ou dos elementos musicais (som, ritmo, melodia e harmonia), por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, em um processo estruturado para facilitar e promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização (física, emocional, mental, social e cognitiva) e outros

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 203-212, jan./dez. 2007

considerada uma arte e uma ciência. Desde a Antigüidade os gregos verificavam os efeitos terapêuticos da música, mas foi a partir da II Guerra Mundial que os estudos sistematizaram-se. Hospitais norte-americanos de veteranos de guerra recebiam músicos para tocar e cantar, e os médicos começaram a perceber consideráveis melhoras na saúde integral destes sujeitos a partir desta atividade. Surgia então, a necessidade de formar um profissional que fosse um músico e também um terapeuta (WAZLAWICK, 2004a), o musicoterapeuta.

2 APONTAMENTOS TEÓRICOS: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Considerando a Psicologia Histórico-Cultural para pensarmos a questão da constituição do sujeito, encontramos as contribuições teóricas do psicólogo russo Lev S. Vygotski, que, a partir da matriz de pensamento do Materialismo Histórico e Dialético, entende que o sujeito é produto e produtor de relações materiais, que acontecem na história e num processo dialético. Nesta perspectiva o ser humano é sujeito e objeto das relações sociais. De acordo com Lane (1988), o sujeito é um ser concreto, manifestação de uma totalidade histórico-social, é um homem criativo e transformador, mesmo sendo determinado pelas imposições econômico, político e sociais de seu tempo, que são as condições materiais da existência. É um sujeito agente da história social, um membro indissociável da totalidade histórica que o produziu e a qual ele transforma por meio de sua atividade; está sempre em relação, é social mesmo já antes de nascer. “A materialidade histórica é produzida por e produtora de homens” (LANE, 1988: 15), onde o homem é sujeito da história e pode ser transformador de sua própria vida, de sua própria história. Sempre lembrando que as características macro-estruturais – de toda a sociedade, estão refletidas e reproduzidas em suas micro-unidades – os sujeitos (CARONE, 1988).

Neste sentido, Vygotski tece uma paráfrase de Marx, ao afirmar que “a natureza psicológica da pessoa é o conjunto das relações sociais, *transferidas para dentro e que se tornaram funções da personalidade e formas da sua estrutura*” (VYGOTSKI, 1929/2000: 27). O autor sinaliza, então, que as intrincadas relações entre as pessoas contribuem para constituir a existência das funções psicológicas³, e estas, por sua vez, não são estruturas naturais, mas são construções. Desta forma, a pessoa humana não somente se desenvolve, seguindo leis genéticas, naturais, determinadas no biológico, mas tem a possibilidade de construir a si mesma, e, por meio das relações com os outros, constituir-se sujeito.

O homem é, portanto nos termos de Vygotski “o conjunto das relações sociais encarnado no indivíduo” (1929/2000: 33). Sendo o sujeito o conjunto das relações sociais, e

objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento” (BRUSCIA, 2000: 286).

³ Funções psicológicas são os processos psíquicos como: os sensoriais e motores, atenção, percepção, memória, linguagem e emoção. Concebidos, segundo Vygotski (1934/1990), como processos construídos nas relações entre seres humanos, implicam na utilização de instrumentos e signos, assim, funções que possibilitam a atividade mediada humana.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 203-212, jan./dez. 2007

tendo em vista que as funções psicológicas superiores constituem-se no coletivo, considera-se que isto é possível graças à articulação de uma “mediação semiótica”⁴, uma mediação sgnica, e principalmente por meio dos signos lingsticos – em seus vários modos -, também construídos e compartilhados por uma coletividade, historicamente.

Falar da constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural da Psicologia é falar do movimento dialtico que existe entre objetividade e subjetividade. Essas duas dimensões ao se relacionarem dialticamente no contexto social se fazem constituintes do sujeito (WAZLAWICK *et al*, 2006). “Constituir-se como sujeito , nesta perspectiva, realizar a dialética do objetivo e do subjetivo, já que o sujeito existe como subjetividade objetivada, que pela subjetividade (negação), se objetiva novamente, encontrando, por meio da subjetividade (negação), uma nova objetivação e assim infinitamente...” (MAHEIRIE, 2002: 37). E como o sujeito está sempre em relação, e passa a ser também produtor destes movimentos, encontra-se como uma síntese inacabada, aberta e em constante movimento. Está num processo constante de construir-se, de (re) inventar-se.

Na seqüência daremos continuidade a esta discussão a partir da problemática desenvolvida na pesquisa de mestrado em Psicologia (WAZLAWICK, 2004b), a saber: as narrativas tecidas pelos participantes acerca das experiências musicais vivenciadas e dos sentidos que elaboram sobre estes eventos e seus contextos, ao longo de suas vidas, que contribuem para a “composição” de histórias de relação com a música.

3 UMA HISTÓRIA DE RELAÇÃO COM A MÚSICA E A “COMPOSICO” DE UM MUSICOTERAPEUTA

Existe uma intrincada relação entre músicas, canes e histórias de pessoas. Neste entrecruzamento se faz presente a possibilidade das pessoas contarem suas histórias, tecerem suas narrativas, e também cantarem essas histórias, uma vez que podem usar músicas e canes para significarem e compreenderem momentos vividos.  desta intrincada e “implicada”⁵ (HELLER, 1980) relação que emergem os sentidos nas histórias de relação com

⁴ Mediação semiótica: “Se (...) por *cultura* for entendido o conjunto das produções humanas, as quais, por definição, são portadoras de *significação*, ou seja, daquilo que o homem sabe e pode dizer a respeito delas, então o nascimento cultural da criança (ou seja, de cada indivíduo humano em particular)  a porta de acesso dela ao universo das significações humanas, cuja apropriação  condição da sua constituição como um ser cultural. O acesso ao universo da significação implica, necessariamente, a apropriação dos meios de acesso a esse universo, ou seja, dos sistemas semióticos criados pelos homens ao longo da sua história, principalmente a linguagem, sob as suas várias formas. Em outros termos, isso quer dizer que a inserção do beb humano no estranho mundo da cultura passa, necessariamente, por uma dupla mediação: a dos signos e a do Outro, detentor da significação” (PINO, 2005: 59).

⁵ Agnes Heller, filósofa húngara neomarxista, em sua obra “*Teoria de los sentimientos*” (1980), desenvolve o conceito de que “sentir significa estar implicado em algo” (Heller, 1980, p. 15-16). “Sinto que estou implicado em algo. Esse ‘algo’ pode ser qualquer coisa: outro ser humano, um conceito, eu mesmo, um processo, um problema, uma situação, outro sentimento...outra implicação” (Heller, 1980, p.). “Estamos implicados na preservação e expansão do eu, na continuidade do eu, no conhecimento do homem, em encontrar nosso caminho no mundo, em compor, compreender, ordenar os fatos da vida, em atribuir sentido as ações. Estamos implicados em nossos valores, nossos costumes, nossas objetivações. Estamos implicados no mundo e em nossa pessoa...” (Heller, 1980, p. 68). Este algo é “algo presente” para mim. Implico-me diretamente com algo que se relaciona comigo, com minhas idéias, objetivos, circunstâncias de minha vida (Heller, 1980). Estou implicado quando

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 203-212, jan./dez. 2007

a música, onde o sujeito pode se apropriar de músicas que se tornam significativas porque retratam momentos, emoções e sentidos singulares.

Neste sentido, o método intitulado “Autobiografia Musical”, desenvolvido pelo musicoterapeuta norueguês Dr. Even Ruud (1998), é um caminho que permite a compreensão de narrativas de histórias de vida vinculadas a narrativas musicais. Ou seja, as narrativas de vida mediadas pelas canções e músicas que os sujeitos trazem tornam visíveis histórias de relação com a música, e os movimentos que constituem sujeitos implicados com a atividade musical. Os significados e sentidos (VYGOTSKI, 1992) construídos nas histórias de relação com a música apontam para histórias de vida de sujeitos, pois só ali podem acontecer e dali podem emergir.

A Autobiografia Musical trabalha com a linguagem musical ao mobilizar a percepção, a imaginação, a reflexão e a dimensão afetiva, para comunicar e expressar significados e sentidos que integram as vivências e as inter-relações do percurso de vida. Aqui a linguagem musical é entendida tal como definida em Cunha *et al* (2006: 89), “a linguagem musical corresponde (...) aos elementos que a pessoa utiliza para expressar sua musicalidade: canções e seus textos, melodias, ritmos, timbres, intensidades, alturas, ruídos, poesias e outras expressões sonoras que possibilitam a comunicação de estados intencionais”. Ao entrelaçar narrativas musicais e narrativas verbais a Autobiografia Musical contempla a construção de um repertório sonoro-musical que se torna revelador dos sentidos e da trama afetivo-volitiva vivenciada por um sujeito. “Esse repertório vem matizado da trajetória de vida da pessoa que se expressa, revelando as transformações ocorridas num espaço de tempo, que é o tempo de sua própria vida, através das mediações com o meio em que vive” (CUNHA *et al*, 2006: 90).

Eis que contaremos agora parte⁶ da história de Jaque, uma garota que em 2004 estava cursando o primeiro ano da graduação em Musicoterapia⁷.

Jaque tem 22 anos, nasceu em uma cidade do norte do Paraná, tem duas irmãs. Seu pai toca violão, tocava em banda, na igreja, em carnavais, nas reuniões da família. Com o violão e a voz dele, Jaque conheceu a música, a beleza do mundo sonoro, e se encantou por este universo. Lembra da canção: “Tomo um banho de lua”... eu e minhas irmãs, isso ficou bem marcado pra mim, tinha qualquer apresentação, alguma coisa reunindo a família, ele pegava o violão [pai] e nós apresentávamos, eu e minhas irmãs”⁸.

...Tomo um banho de lua, fico branca como a neve
Se o luar é o meu amigo, censurar ninguém se atreve
É tão bom sonhar contigo, oh! Luar tão cândido (...)
Tim, tim, tim, raio de lua, tim, tim, tim,
Baixando vem ao mundo
Oh! Lua, oh! Cândida lua vem...
(Banho de Lua, P. de Fillippi e F. Migliacci, versão: Fred Jorge).

relaciono as informações comigo, e elas despertam ou eu as dou uma significação. Além disso, a autora pontua ainda que esta “implicação”, tal como descrito acima, revela a articulação intrincada entre sentir, pensar e agir.

⁶ Na íntegra esta narrativa consta de 21 páginas (WAZLAWICK, 2004b).

⁷ Na Faculdade de Artes do Paraná (FAP-PR), cidade de Curitiba.

⁸ Daqui para adiante, no texto, estarão escritos com uso do recurso “itálico”, as falas de Jaque e as letras das canções.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 203-212, jan./dez. 2007

“Banho de lua foi uma das principais (...) Na hora do tím-tím-tím, nós fazíamos [mostra a dança], eu que comandava porque era a mais velha, então todo mundo ia atrás de mim, tudo que eu fazia...”. Era a brincadeira e o divertimento junto da beleza da música. Jaque lembra que em todas as suas brincadeiras “algo de música” estava sempre presente. “Coisas que a gente fazia, era tudo mais ou menos relacionado com a música”. E as brincadeiras seguiam com “Era um biquíni de bolinha amarelinha tão pequenininho...” e “Ei Al Capone...” de Raul Seixas, todas mediadas pela relação que o pai também tinha com a música, por meio dele a música sempre esteve muito presente na casa de Jaque. “Meu pai sempre, sempre tocou perto assim, e foi muito pra mim, foi o que puxou mais”.

Com sete anos Jaque começou aprender a tocar piano, algo que queria muito.

A minha primeira música, da audição, eu lembro até hoje, da ‘Boneca sem corda’, uma valsinha do Mário Mascarenhas, foi uma expectativa, eu lembro até hoje, minha avó mandou fazer um vestido todo rodado, minha família inteira foi assistir, foi bem legal, lembro até hoje eu subindo no palco e tocando, foi bem gostoso... todo mundo ficou admirado.

Depois relembra “Dá pra mim, o seu amor...” (Dominó) e “Arco-íris” (Xuxa), que, junto do vinil, embalavam muitos momentos lúdicos.

Nos estudos musicais a motivação continuava cada vez mais: “Eu era muito curiosa, ouvia músicas e tentava tirar de ouvido, a primeira música que eu tirei de ouvido, acho que tinha uns nove anos, foi ‘Amigos para sempre’, na época que lançou. E depois, a segunda que eu tirei foi ‘Essa tal liberdade’, do SPC, e toquei na audição”. A partir daí ela decide que quer aprender a tocar violão também. “Eu tinha uns doze anos, eu pedi pro meu pai me ensinar violão, a primeira música que ele me ensinou foi uma que passava numa propaganda: ‘A vida passa, telefone e você já não me atende mais...’ Essa música ficou bem marcada...”.

A vida passa eu telefone, e você já não atende mais
Será que já não temos tempo nem coragem de dialogar
Ainda ontem pela praia alguma coisa me lembrou você
E veio a noite, namorados se beijando e eu estava só
Vamos ser outra vez nós dois
Vai chover pingos de amor, de amor, pingos de amor, pin pin pin
(Pingos de Amor – Kid Abelha)

E com quatorze anos, enquanto seguia os estudos na escola e seguia os estudos de piano no conservatório, destacando-se, Jaque foi convidada pela professora de piano para lhe ajudar com os alunos menores, e eventualmente com alunos de violão, iniciando, então, a atividade de professora de música, conquistando gradualmente seu espaço. Uma atividade onde ela se realizava, passava muita coisa que sabia a outras crianças e adolescentes, constituía esta atividade e se constituía por meio dela.

Seguia com a música. Dava aulas, principalmente de violão, em dois conservatórios da cidade e tornava histórica a sua atividade musical. Lembra que o ano 2000

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 203-212, jan./dez. 2007

Foi um ano que marcou bastante, eu tinha muito aluno pentelho (...) foi o ano que tocou 'Amor I Love You', da Marisa Monte, eu acho que todo mundo lembrava de mim nessa música, os alunos tocavam e eu cantava, então eu fazia um conjuntinho, quatro, cinco alunos, cada um tocando violão numa parte, um fazia a parte do baixo, e eu cantava essa música...

Deixa eu dizer que te amo, deixa eu pensar em você
 Isso me acalma, me acolhe a alma, isso me ajuda a viver (...)
 Meu peito agora dispara, vivo em constante alegria
 É o amor quem está aqui - Amor I Love You (3x)
 (Amor I Love You, Marisa Monte).

“Lembro muito dos meus alunos... dá saudade... eu lembro muito da força de vontade deles (...), lembro dos ensaios, traz uma coisa muito boa... e depois da apresentação todo mundo elogiando o meu trabalho, foi muito bom...”. É uma canção acompanhada de intensa emoção. A lembrança traz de volta seus alunos, a relação com eles, a força de vontade e a expectativa que não era apenas deles no que estavam aprendendo, mas dela também nesta que era a sua atividade. A música a construía enquanto pessoa criadora, profissional, e permitia expandir isto a outras pessoas. A música estava se tornando e era o seu trabalho. “É o meu trabalho, é agora que eu tô expandindo... as pessoas estão me reconhecendo”.

Sentidos pessoais que também correspondem à música “Lugar ao Sol” (Charlie Brown Jr.), que Jaque canta na seqüência:

Mas livre pra poder sorrir, sim
 Livre pra poder buscar o meu lugar ao Sol

Um lugar que se ampliava cada vez mais, pois:

Os meus alunos começaram a gostar também de guitarra, e aí o que aconteceu? Eu fui pra Maringá fazer um curso de guitarra (...). Outro aluno que fazia violão, queria estudar cavaquinho, daí eu resolvi fazer aula de cavaquinho, então eu sempre buscava muito conquistar eles pelo lado deles mesmo, aprendi tocar cavaquinho, toco até hoje. Comecei a dar aula de cavaquinho, guitarra, piano, teclado, violão, bateria... eu era mais ou menos uma multi-uso.

Fala isso com orgulho, até acha divertido. Relembra de uma canção de Jorge Aragão: “Eu e você sempre”. Foi uma música que tocou junto do primeiro aluno que quis aprender cavaquinho, onde ela conta que “essa música marcou bastante porque eu toquei junto com o meu aluno, em banda, bateria, é legal porque ele me incentivou em outro instrumento, é uma coisa que marcou”. Eram relações de mão dupla na música, ela incentivava seus alunos e eles também a incentivavam a buscar mais. O último verso da música diz: “Nele está gravado é só você e eu”. Jaque estava sempre na música.

“Daí a minha adolescência... Bon Jovi nas festinhas, dançando junto... Escutava muito Legião [canta ‘Pai e Filhos’] – acho que outra [canta ‘Eu sei’] Legião tem muitas, mas que mais marcava era Pais e Filhos (...) Eu já tocava violão, tentava tirar de ouvido, no piano, e a

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 203-212, jan./dez. 2007

gente reunia muito pra cantar na casa de minha amiga (...), outra também que lembro foi uma música que minha amiga me ensinou: ‘Lanterna dos Afogados’”. Estas canções compõem parte da trilha sonora de sua adolescência. Jaque revive emoções também com a canção “Tão Seu”, do Skank, ao lembrar dos primeiros momentos de namoro, da saudade por ficar longe do namorado:

Sinto sua falta, não posso esperar tanto tempo assim
O nosso amor é novo, e um velho amor ainda e sempre (...)
Me sinto só, me sinto só, me sinto tão seu
Me sinto tão, me sinto só, sou teu
(Tão Seu – Skank)

Do ano de 2003 Jaque traz uma das canções feitas pelo trio formado por Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown, Tribalistas, “Velha Infância”. “Esta música marcou tanto, acho que pelo meu namoro, pelo meu trabalho, era uma música que tocava muito, muito aluno pedia, e eu gosto também (...). Lembra a minha família, acho que fala muito de infância, é uma música que eu amo...”.

Você é assim, um sonho pra mim, e quando eu não te vejo
Eu penso em você desde o amanhecer, até quando eu me deito
Eu gosto de você e gosto de ficar com você
Meu riso é tão feliz contigo, o meu melhor amigo é o meu amor
E a gente canta, e a gente dança, e a gente não se cansa
De ser criança, da gente brincar, da nossa velha infância
Seus olhos meu clarão me guiam dentro da escuridão
Seus pés me abrem o caminho eu sigo e nunca me sinto só...
(Velha Infância – Tribalistas)

Jaque conta que relaciona a letra da canção com o que vive. Tanto que a letra é a primeira coisa que ela escuta com atenção. “*Eu olho muito a letra, eu tento sempre olhar e vou encaixando alguma coisa, pra eu gostar eu tenho que relacionar comigo, ao momento que eu estou passando...*”. Canções que se tornam parte da trilha sonora de uma vida.

Dando atenção à cronologia da história, o fato que então acontece é que Jaque passa no vestibular que presta para o curso de Musicoterapia, no final de 2003. Fica muito feliz, porém, ao mesmo tempo, começa a sentir um certo sofrimento, uma vez que vindo para Curitiba, teria que abandonar o que já havia construído em sua na cidade, deixar seus alunos, os empregos nos dois conservatórios: “*Então quando eu saí de lá daí eu deixei, a parte mais difícil... em um conservatório trinta e cinco alunos, no outro vinte e dois (...) Sofri muito...*”. Sofre pela separação, por ter de deixar muito do que construiu. Aquilo tudo tinha se tornado a sua vida, o seu fazer. Mas agora vinha em busca de seu outro sonho. “*Estou começando de novo, tem que seguir*” – e canta a música “Na Estrada”, de Marisa Monte.

Encerra então, sua autobiografia musical neste momento, contando a respeito do sentido da música em sua trajetória de vida:

Pra mim foi uma coisa muito boa quando eu comecei a dar aulas, as minhas irmãs tiveram uma dificultadezinha pra ter um emprego, eu não, eu fui entrando

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 203-212, jan./dez. 2007

em passos, acho que a música me ajudou em tudo... acho que eu sou muito emotiva, pelo fato de sentir, quanto eu tô tocando ou falando de alguém sou muito sensível, e acho que a música me ajudou muito nessa parte, ajudou totalmente na carreira profissional, pessoal, está presente em tudo. Não conseguiria, de forma alguma estar fora disso”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Jaque é tecida, construída, composta, assim como a música, inserida em um movimento relacional nos diversos contextos pessoais e coletivos, ao mesmo tempo em que configura um enredo que co-existe em um contexto mais amplo, como os enquadres da cultura e do sistema macrossocial, onde tanto a história, quanto sua produção se situam.

O sujeito é um projeto. Cada um de nós é um projeto. Um projeto que significa o “desejo de ser”, “impulso ao devir”, tal como aponta Sartre (1984). O sujeito se constitui no movimento dialético que existe entre objetividade e subjetividade. É pela recíproca transformação entre estas dimensões, ao longo da história, que o sujeito vai se constituindo como uma síntese aberta e inacabada, em constante movimento em meio ao contexto sócio-histórico-cultural, sendo ao mesmo tempo produto e produtor, constituído e constituinte deste contexto, e dele mesmo enquanto projeto (Maheirie, 2002).

Enquanto sujeito, a história de relação que vivenciamos vai nos encaminhando para a historização da possibilidade em nosso projeto, de sermos musicoterapeutas. É uma nova “síntese” em nosso projeto.

Jaque vivenciou uma história de relação com a música, onde passo a passo esta foi se construindo como sua atividade principal. Apropriou-se do fazer musical transformando-o em algo onde pode objetivar e historicizar suas implicações com a música, um fazer técnico, afetivo e criador pleno de seus sentidos. Assim começou a historicizar-se também para ela o projeto de ser musicoterapeuta - trabalhar em prol do crescimento do ser humano tendo a música como mediação de um processo terapêutico. A motivação que a direciona a cursar Musicoterapia é fruto de toda a história de relação com a música. Esta vontade existe porque antes dela inúmeras situações e experiências foram vivenciadas com a música, que hoje a indicam a Musicoterapia, e ela escolheu orientada por seus sentidos. Sentidos que estão atrás, acompanhando toda a história de relação com a música, atrás do pensamento, junto dos sentimentos, sentidos que são as origens de suas ações nesta história onde conferem à música a qualidade de subjetividade objetivada.

Nesta trajetória de vida, a música é uma atividade criadora de um sujeito que o direciona e o encaminha à Musicoterapia. Na história de Jaque, e em nossas próprias, nos deparamos com um processo de constituir-se sujeitos mediado pela atividade criadora no fazer musical. Uma atividade que envolve questões reflexivo-afetivas, pois trabalhamos com percepção, imaginação, pensamento (reflexão), sentimento e emoção (afetivo), sensibilidade e dimensão estética. E assim, cada musicoterapeuta lida com a música de um outro modo, pois: “...A especificidade deste processo faz da música o produto de um trabalho altamente elaborado, no qual o conhecimento dos elementos acústicos se alia à criatividade com que o sujeito articula, processa e elabora os elementos da percepção, imaginação, e reflexão de maneira afetiva. Assim, a música como produto do trabalho acústico aparece repleta de sentido e pode ser

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 203-212, jan./dez. 2007

qualificada e compreendida como uma linguagem de reflexão afetiva” (Maheirie, 2003, p. 152).

De qualquer forma, a história de Jaque não termina aqui. Não demos conta da totalidade, pois estes são momentos, são sínteses tecidas e presentes no movimento maior de sua totalização. No ano de 2004 esta foi a narrativa engendrada por Jaque, certamente capítulos de uma história que se encontra em constituição, e que fazem parte do processo de constituir-se pessoa, o sujeito Jaque, e também da musicoterapeuta que ela deseja ser. Mas a esta história de relação com a música, muitos capítulos outros já estão sendo (e ainda serão) acrescentados.

Percebemos, então, que estamos num processo infinito de recontar e re-escrever nossa história. Construimos e reconstruímos os sentidos de nossas experiências. Refazemos a nós mesmos, somos os autores, intérpretes, protagonistas e compositores de nossas histórias, que se fazem em solos, em duetos, quartetos... Compomos as músicas, as traduzimos em narrativas, compomos as narrativas e as fazemos acompanhar as músicas que compõem nossas histórias de vida.

ABSTRACT: *This work explores an interface between Cultural-historical Psychology and Music Therapy, discussing the narratives which young people build about their history of relationship with music. Three first year Music Therapy Students (2004) from Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, ages between 20 and 23 were interviewed. The Narrative Interview (SCHUTZE, 1977) and the Musical Autobiography (RUUD, 1998) were used. From a double movement between theory and empirical data, emerging categories of their own narratives were built. That allowed for a visualization of the moments of the history of their relationship with music, amid individual and collective contexts. It was found that living the concrete situations, through the affective dimension, a live usage of music and the possibilities of constructing its senses happened in this entire plot. Senses built by personal emotions, feelings, desires, wills, interests, and motivations in constant relationship with the social-cultural context connected with musical activity, make it up while it also shapes them.*

KEYWORDS: *Music Therapist, history of the relationship with music, historical-cultural Psychology.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo Musicoterapia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros.
- CARONE, Iray. 1988. A dialética marxista: uma leitura epistemológica. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (Orgs.). *Psicologia social. O homem em movimento*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 20-30.
- CUNHA, Rosemyrian; Camargo, Denise; Bulgacov, Yara. Interjogo de imaginação e emoção. In: *Identidade e emoção*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006. p. 89-105.
- GASTON, Thayer. *Tratado de Musicoterapia*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica. 1982.
- HELLER, Agnes. *Teoria de los sentimientos*. México: Fontanamara. 1980.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 203-212, jan./dez. 2007

LANE, Silvia T. M. A psicologia social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: Lane, Silvia T. M.; Codo, Wanderley (Orgs.). *Psicologia social. O homem em movimento*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 10-19.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. In: *Revista Interações*. n. 8-13, 2002. p. 31-44.

_____. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. In: *Psicologia em Estudo*, v. 8, n. 2, Maringá, 2003. p. 147-153.

PINO, Angel. *As marcas do humano. Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.

RUUD, Even. 1998. *Music Therapy: improvisation, communication, and culture*. Gilsum: Barcelona Publishers, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. Questão de método. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Manuscrito de 1929. In: *Revista Educação & Sociedade*. Trad. brasileira do russo. Campinas: Cedes, 71: 21-45. 2000. (Originalmente publicado em 1929)

_____. Pensamiento y palabra. In: *Obras escogidas II*. Madrid: Visor Distribuciones. 1992.

_____. Sobre los sistemas psicológicos. In: *Obras escogidas I*. Madrid: Visor Distribuciones. 1990.

WAZLAWICK, Patrícia. Afinando-se com a música. In: *Revista Idéias*. 17: 58-62. Curitiba, Travessa dos Editores, 2000a.

_____. *Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de Musicoterapia*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2004b.

_____; Maheirie, Kátia; Carvalho, Glauber. Construção inacabada, aberta e em constante movimento: sobre a constituição do sujeito - analogia com a obra musical “Canon em Ré” de Pachelbel. In: *Anais do I Encontro Nacional de Cognição e Artes Musicais*. Curitiba: DeArtes-UFPR. 2006.